

DIRECTOR		EDITOR
MARIO CASTELHANO SILVINO DE NORONHA		
ASSINATURA		
INCLUINDO O SUPLEMENTO SEMANAL PAGAMENTO ADIANTADO		
Continente, colónias e estrangeiro	Meses	Preços
Lisboa	1	9\$50
Província	3	28\$50
Africa portuguesa	6	66\$00
Estrangeiro	6	102\$00

A BATALHA

Nouamente, a questão dos tabacos

A questão dos tabacos é uma das mais graves e das mais delicadas que se têm debatido no seio da política burguesa. Tão grave e tão delicada que tem dado lugar a larga série de incidentes, desde o célebre batuque das carteiras que se prolongou durante meses no último parlamento dissolvido. Acentuámos a gravidade e a delicadeza—chamemos-lhe assim—da questão, mas achamos bastante conveniente declarar, da maneira mais terminante e categórica, que nela não temos medo, prego nem estopa, como se dizem?

Não temos interesses a defender: não somos defensores dos capitalistas, a quem a questão interessa, nem tampouco advogamos os do Estado, tanto mais que de nenhum modo nos cabe a sua missão, aliás bem diferente da nossa...

Unicamente, frizamos a circunstância de sermos contrários ao monopólio por considerarmos os monopólios, de facto ou de direito, uma imoralidade dentro de outra imoralidade, como se pode constatar pela dura e larga experiência a que todos estamos submetidos em referência à Moagem, à Companhia das Águas, à dos Eléctricos, à do Gás e Electricidade e à dos Fósforos.

Quando apareceu o projecto do actual ministro das finanças, para o qual foi consentida à imprensa toda a liberdade de crítica, fizemos os reparos que se nos afiguravam e ainda se nos afiguraram justos. Nesses reparos declarávamos que o projecto, pelas suas principais cláusulas, ia dar lugar ao restabelecimento, de facto, do monopólio caducado de direito.

Pois o referido projecto não é ainda a última palavra sobre a solução do assunto, o que de nenhum modo nos causa estranheza.

Segundo referem os jornais da noite, o ministro das finanças está introduzindo várias modificações na lei ultimamente publicada e elaborando o respectivo regulamento e determinando as bases do concurso, devendo isto tudo ficar concluído até ao dia 1 de Junho.

Aguardamos essa ocasião para então fazermos apreciações mais concretas. A nossa atitude será, como até aqui tem sido, pautada pelo nosso desejo, que consideramos como um dever inexorável, de defender, acima de tudo e contra tudo, os dois interesses que se nos afiguram mais legítimos e os únicos que nos preocupam: os dos consumidores e os dos operários.

Temos—e bem fundamentadas—razões de sobra para afirmarmos que, na esmagadora maioria dos berreiros e polémicas a que a questão dos tabacos tem dado lugar, se lata nos interesses dos consumidores e dos operários para fazer frutificar certas combinações, para mascaraçar e tornar simpática a defesa de interesses em jôgo. Contra essa especulação, não podemos ficar indiferentes—indiferentes e silenciosos. Repugnam-nos basfante essas comédias para que não exteriorizemos a indignação que nos causam os comediantes e os tartufos que, com descomunal cinismo e espantosa audácia, a têm vindo desempenhando, há bastantes meses.

Pobres consumidores e pobres operários que estão servindo de bala de tennis a certos defensores que elas não pediram e, decerto, detestam!

A conferência do sr. Ferreira do Amaral

Na Associação Comercial de Lisboa, realizou entretanto a noite o sr. Ferreira do Amaral uma conferência subordinada ao tema: «Constrastes da vida em Lisboa e em Madrid».

O conferente apresentou as suas impressões da viagem que realizou há dias em aviões, de Alverca a Madrid, passando em seguida a referir-se à ação do general Martínez Anido, no combate ao perigo vermelho.

Referindo-se ao que em Portugal se tem feito para combater esse perigo, começou por afirmar que era essencial acabar com a politiquerice, para se passar a fazer apenas a política da nação.

O ministro das Colónias interrompeu:

— É isso mesmo que se está fazendo...

O conferente continua:

— Meus senhores: Acabei de lhes expor as impressões que colhi da viagem de avião a Madrid. Agradeço-lhes a atenção que me dispensaram e... tenho dito.

E acabou.

EM VOLTA DUM REGULAMENTO

Os menores só poderão ser defendidos da desumana exploração a que estão sujeitos nas indústrias, dentro doutra organização de trabalho

Voltou a falar-se no estabelecimento de medidas de protecção aos menores. Sempre que este assunto vem a lume, aparecem alguns conselheiros Académicos exaltando a obra dos defensores das crianças, pondo-a em relevo com o que sobre a matéria fizemos os nossos avós.

Ora, a verdade é esta: A situação do pequeno-operário e do marçano é igual a que há alguns anos.

E' verdade que para os menores empregados nas indústrias criaram-se algumas medidas que aparentemente os defendem da exploração patronal. Mas é para que servem essas medidas?

O aprendiz é hoje explorado como foi noutros tempos. Mesmo as leis do descanso semanal e do horário de trabalho não o beneficiam.

O garoto, que na maioria dos casos nem a escola frequentou, vai muito novo para a oficina. Na escolha da carreira não houve um critério de selecção.

E' mais a conveniência da família e a razão de ser de uma profissão chic que conduzem o rapaz a um trabalho. De modo que, quantas vezes, se verifica logo nos primeiros tempos que a criança não tem vocação alguma para aquela carreira, ou que o seu sistema nervoso não se harmoniza com este ou aquele trabalho.

O resultado não se faz esperar: no garoto manifesta-se uma grande recusa para o trabalho. Os encantos do trabalho, tudo quanto de mais atraente e salutar élê contém, não puderam ser observados pela criança. Daí a fuga do trabalho e o caminho da perdição.

Nos outros países, o problema é encarado sob outro aspecto. Existem agremiações científicas para o estudo da capacidade visual, auditiva e muscular da criança. E de harmonia com essa capacidade se esconde a carreira ao alvo.

Entre nós, essa agremiação está apenas no seu estado embrionário. Chama-se Instituto de Orientação Profissional e é supostamente dirigido pelo eminentíssimo dr. Faria de Vasconcelos.

Mas qual é a função desse instituto? Muito restrita, infelizmente. Assiste apenas aos educandos dos colégios mantidos pela Assistência Pública.

O aluno dos referidos colégios é examinado no Instituto de Orientação Profissional. Segundo as suas aptidões, físicas, nervosas e psicológicas, é lhe escolhida a carreira. Se puder e quiser a criança já sabe para que está apta.

E para os garotos que não tiveram a felicidade de ser alunos desses colégios? Para esses há o Destino a marcar-lhes a carreira.

Depois temos a infame exploração exercida nas oficinas. A criança ainda não deixou de ser a besta de carga. Na grande maioria das oficinas—para não dizer na sua totalidade—o aprendiz é mais um moço de fretes do que um aspirante a profissional.

Desde que entra até que sai não faz outra coisa que não seja transportar pequenos e grandes pesos, pouco parando na oficina. Na oficina só está o tempo em que tem que fazer as limpezas, ou seja depois das horas regulamentares do trabalho ou ao domingo.

A tal lei de protecção a menores não existe para a criança.

O transporte de carga varia em carroças de mão ainda não foi banido dos costumes da vossa industrialismo. Se não é em carroça pesada a é em carros de mão que o garoto leva a carga.

E quantas vezes o vemos ajodado, mal se podendo endireitar com um peso brutal que foi obrigado a trazer das oficinas!

Todavia ainda não há muito tempo a Câmara Municipal publicou uma postura que regula o assunto. Foi essa postura respeitado? Não nos parece.

Temos a seguir o garoto marçano. Para estes nem há ilusão da lei. Nenhuma medida de protecção o ampara.

Entra para o estabelecimento aos dez ou doze anos. Como não possui família, em Lisboa, e é mantido ainda o Internato, dorme no próprio estabelecimento. Começa aqui a sua odisséia.

Levantava-se ás 7 horas, anda num constante va-e-vem carregando com as compras para os fregueses, subindo escadas, arrastando uma vida pesada e triste. E depois de encerrado o estabelecimento aínta tem que fazer as limpezas e as arrumações.

Quere saber o leitor qual é o leito de alguns destes garotos? Uma tarimba, sacaria velha ou velhos colchões!

As novas medidas que se anunciam não farão terminar este estado vergonhoso de coisas? Se elas se destinam a deixar tudo na mesma é preferível não darem à criança a ilusão de que uma lei vai proteger.

“A Batalha” no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

A REGULAMENTAÇÃO DO JOGO

Um flagelo não se regulamenta: extermina-se afirma à “Batalha” o dr. João Camoesas

Continuando o seu inquérito sobre a regulamentação do jôgo, A Batalha—posta em artigos anteriores a sua atitude abertamente contrária a essa calamidade social—querendo demonstrar a razão de ser do seu combate, julga-se no dever de registar a opinião de pessoas que, pela categoria que ocupam a dentro da própria sociedade burguesa, estejam à altura de dizer para público o que pensam sobre essa medida

quando muito, uma excitação interessando sólamente os que a sofrerem. Pouco interessa a interpretação do fenômeno jôgo em si. O que vale é a sua influência no meio social, o que importa considerar é a natureza dos resultados que produz. ora ninguém de boa fé pode contestar que o exercício do jôgo de azar tem determinados malefícios sem conta, que vão do suicídio frequente à burla, à falácia, à prostituição. As suas consequências malefícias são evidentes.

Faz-se um inquérito. E ele nos demonstrará que o desenvolvimento da paixão do jôgo tem sido um poderosíssimo factor de corrupção e miséria. Quer dizer: as consequências sociais do jôgo são, nitidamente, perniciosas e põem em perigo a existência de numerosas pessoas que não jogam, nem têm culpa de que se jogue. E' este aspecto que importa considerar.

Sem importar a categoria política dos nossos entrevistados, querendo sómente juntar o maior número de opiniões contrárias ao que pretende fazer-se é ao mesmo tempo, sem que nos possamos identificar com alguns pontos postos como argumentos por essas pessoas, julgamos que todos, sejam quem forem, podem depor neste nosso inquérito. E, assim, procurámos ontrem o dr. João Camoesas.

O jôgo: calamidade pública

Feita a pregunta, sobre o que pensava da regulamentação do jôgo, respondeu-nos imediatamente:

— Mantendo em face da regulamentação do jôgo a minha atitude de sempre. Reprovo-a em absoluto. Considero-a como uma autêntica calamidade que nenhumha ordem de razões pode justificar. Basta atentar na experiência dos últimos anos, para verificar que a tolerância de jogar tem sido uma fecundíssima origem de crimes, misérias e ruínas. As tristes consequências dessas relações das instituições repressivas, em relação ao jôgo, avultam de tal sorte, que só as pretendem ignorar os interessados, que ninguém de boa fé as contesta. Centenas, não é exagero mesmo falar em milhares de vítimas, podem comprovar a existência dessa trágica e confrangedora realidade. Perante ela só há uma atitude social: reprimir; só existe um critério humano: tornar eficaz a proibição.

— ...A nova tentativa agora realizada em prol da regulamentação trouxe à baila velhos e repisados argumentos, inférmeis vezes destruídos já. Diz-se, por exemplo, que não é possível evitar em absoluto que hajam jogadores e, portanto, que se jogue.

Todas as medidas repressivas teriam de ser eliminadas, se se admitisse este critério. Na verdade, sempre houve ladões, burilhas e assassinos, a-pesar das leis e dardos, que puderam semelhantes crimes. E, no entanto, ninguém apareceu ainda baseado na inevitabilidade do crime, a pedir a sua regulamentação. Isto é tão claro e tem sido tantas vezes repetido que deve enfatizar quem seguiu as tentativas de regulamentação do jôgo.

Dadas as lamentáveis consequências, pode o jôgo ser comparado ao crime? Julgar

Nesse caso teremos que admitir que o jôgo seja um crime...

— Eu lhe digo. Pretendo-me dar uma forma nova ao argumento, dizendo que a comparação do jôgo com o crime não é de admitir porque jogar não é um acto criminoso, mas um simples divertimento, ou

— De modo que, em seu critério...

— Não existe, pois, nenhuma forma de tornar aceitável a regulamentação do jôgo. Nem a ineficácia da acção repressiva do Estado, nem o aumento de receita, aliás hipotético, podem justificar essa espécie de regulamentação das tavolagens internacionais, para ajudar a lavrar o incêndio de calamidades que por aí se alargando todos os dias a partir das casas de jôgo.

Dizer-se que se trata dumha receita considerável que os cofres públicos não devem perder, também não constitue atenuante, porque o dinheiro recebido teria uma terrível contra-partida de ruínas, que absorveria.

— ...A receita obtida por trás sistema...

— ...Mão existe, pois, nenhuma forma de tornar aceitável a regulamentação do jôgo. Nem a ineficácia da acção repressiva do Estado, nem o aumento de receita, aliás hipotético, podem justificar essa espécie de regulamentação das tavolagens internacionais, para ajudar a lavrar o incêndio de calamidades que por aí se alargando todos os dias a partir das casas de jôgo.

— ...De modo que, em seu critério...

— ...Mão existe, pois, nenhuma forma de tornar aceitável a regulamentação do jôgo. Nem a ineficácia da acção repressiva do Estado, nem o aumento de receita, aliás hipotético, podem justificar essa espécie de regulamentação das tavolagens internacionais, para ajudar a lavrar o incêndio de calamidades que por aí se alargando todos os dias a partir das casas de jôgo.

— ...Mão existe, pois, nenhuma forma de tornar aceitável a regulamentação do jôgo. Nem a ineficácia da acção repressiva do Estado, nem o aumento de receita, aliás hipotético, podem justificar essa espécie de regulamentação das tavolagens internacionais, para ajudar a lavrar o incêndio de calamidades que por aí se alargando todos os dias a partir das casas de jôgo.

— ...Mão existe, pois, nenhuma forma de tornar aceitável a regulamentação do jôgo. Nem a ineficácia da acção repressiva do Estado, nem o aumento de receita, aliás hipotético, podem justificar essa espécie de regulamentação das tavolagens internacionais, para ajudar a lavrar o incêndio de calamidades que por aí se alargando todos os dias a partir das casas de jôgo.

— ...Mão existe, pois, nenhuma forma de tornar aceitável a regulamentação do jôgo. Nem a ineficácia da acção repressiva do Estado, nem o aumento de receita, aliás hipotético, podem justificar essa espécie de regulamentação das tavolagens internacionais, para ajudar a lavrar o incêndio de calamidades que por aí se alargando todos os dias a partir das casas de jôgo.

— ...Mão existe, pois, nenhuma forma de tornar aceitável a regulamentação do jôgo. Nem a ineficácia da acção repressiva do Estado, nem o aumento de receita, aliás hipotético, podem justificar essa espécie de regulamentação das tavolagens internacionais, para ajudar a lavrar o incêndio de calamidades que por aí se alargando todos os dias a partir das casas de jôgo.

— ...Mão existe, pois, nenhuma forma de tornar aceitável a regulamentação do jôgo. Nem a ineficácia da acção repressiva do Estado, nem o aumento de receita, aliás hipotético, podem justificar essa espécie de regulamentação das tavolagens internacionais, para ajudar a lavrar o incêndio de calamidades que por aí se alargando todos os dias a partir das casas de jôgo.

— ...Mão existe, pois, nenhuma

MARCO POSTAL

Viseu.—Agente.—Recebido 7670.
Gouveia.—Associação dos Manufacturadores de Tecidos.—Recebemos 400300.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.

Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 h a 12 h.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—12 h.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 h.

Sargentos, nerz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estomago e intestinos—Dr. Mendes—Belo—5 h.

Doenças das senhoras—Dr. C. Alfonso—3 h.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Munhoz—12 h.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roms—3 h.

Ecoa e centes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Câncer e rádio—Dr. Cabral de Melo—1 horas.

Rádio X—Dr. Aleu Saldaña—1 horas.

Análises—Dr. Gabriel Beato—4 horas.

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais

Álgebra elementar..... 13\$00

Aritmética..... 15\$00

Desenho linear geométrico..... 12\$00

Elementos de electricidade..... 30\$00

Elementos de física..... 12\$00

Elementos de Mecânica..... 12\$00

Elementos de Modelação..... 12\$00

Elementos de Projeções..... 15\$00

Elementos de Química..... 13\$00

Geometria plana e no espaço..... 13\$00

Fabricante de tecidos..... 13\$00

Mecânica

Tremelto e Frezador mecânicos..... 15\$00

Desenho de máquinas..... 25\$00

Material agrícola..... 13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor..... 13\$00

Problemas de máquinas..... 16\$00

Construção Civil

Acalamento das construções..... 16\$00

Alvenaria e Cantaria..... 13\$00

Edificações..... 13\$00

Encanamentos e salubridade das habitações..... 13\$00

Materiais de construção..... 20\$00

Terrenagens e alicerces..... 13\$00

Trabalhos de Carpintaria..... 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas..... 20\$00

Fogueteiro..... 16\$00

Formador e estuador..... 12\$00

Fundidor..... 13\$00

Pilotoam..... 12\$00

Indústria alimentar..... 12\$00

Indústria de vidro..... 12\$00

Manuals de ofícios

Galvanoplastia..... 18\$00

Motores de explosão..... 20\$00

Navegante..... 16\$00

Cimento armado..... 25\$00

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LEILÃO

Em 23 de corrente e dias seguintes, às 11 horas na estação desta companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Púlico A n.º 1 de Fevereiro de 1920, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Acessórias, proceder-se-há à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito à Companhia, para o que terão de dirigir-se à Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 21, das 10 às 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazém situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolónia, diante do gradeamento.

Lisboa, 6 de Maio de 1927.—O engenheiro sub-diretor, Lima Henriques.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 330.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias éna administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», r. das Poias de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Chapelaria II SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros
Grande sortimento em chapéus, lisos e meias,
casas mais famosas fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda
e FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito elegante, só na Cooperativa

Armazém escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS —
Sede: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poias de S. Bento, 74, 7-A

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52

FÁBRICA DE BONETS — Chapéu modelo Juarez (Exclusivo)

TUDO AOS MONTES



A todos interessa

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda, Moçambique, Congo, Guiné, etc.

Não temos agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE, VENDER DIREITAMENTE aos fregueses pelos preços 40% a mais. FAÇAM os seus pedidos directos para serem bem servidos e rápido à GRANDE FABRICA onde se fazem essas lindas CHAPAS que duram para sempre e letras esmagadoras que estabelecem, com cores lindas e baratas, estampas, cintos, medalhas para corridas (ouros de Barba), Gilletes mais baratas, Estojo de metal branco com maquinhas e lâminas Gillette 5500. Navaias, maquinhas para cortar cabelo, maquinhas de raios para as afiar. Tais rasas limpas, que duram para sempre, geram canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, etc., que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CANEVAS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham. Juntas Parafusos, cunhadas e rebuscadas, numas sujeitas para lazer e roupa, etc., sujeitas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jógo, caixas, fabricas, etc., esses lindos adesos à Freire, em ouro e prata e numerosas canetas e cintos de couro com peças de ouro e prata, que os outros vendem pelo dobro. CARIMBOS, numeradores a vista, a restringem o numero ate 12 vezes, ditos para cheques a picar, etc., etc., e com elas, elas brilham

A BATALHA

CRÓNICA DO ESTRANGEIRO

A disputa do poder político na Áustria

Um triunfo dos socialistas que, não beneficiando o proletariado, causa raiva à burguesia

Viena, 30 de Abril.—Nas últimas eleições na Áustria, os socialistas alcançaram uma grande vitória. O facto, todavia, não nos regista porque sabemos muito bem quais foram os resultados do triunfo dos partidos socialistas-governamentais, tanto na Alemanha e na Rússia, como na Itália, depois da guerra.

E para que se aprecie o actual ambiente político da república austriaca, tão diverso do ambiente sentido nos países ocidentais, e por interesse informativo, que damos as seguintes notícias acerca da luta eleitoral.

Em Viena a campanha eleitoral atingiu o auge em plena rua. Os socialistas cobriram as paredes de inúmeros placards e cartazes e usaram até de projeções eléctricas.

Os partidos capitalistas confiavam principalmente na imprensa, que, com poucas exceções, estava inteiramente à sua ordem, e atacaram os socialistas com um aduane até agora desconhecido neste país onde os campos políticos estão perfeitamente divididos.

Um novo processo é o dos filmes de propaganda, exhibidos pelos socialistas, em cada distrito, por meio de um grande cinema ao ar livre. Dezenas de milhares de homens do povo assistiram às projeções e ouviram bandas de música toda a noite.

Os filmes mostram, principalmente, as obras da municipalidade de Viena: grandes construções municipais, instituições modernas de recreio, um novo espírito na educação e os seus efeitos na saúde e no espírito do povo, que transformaram Viena, cidade imperial, em um lugar onde os operários e operárias podem passar uma existência mais risonha «à volta do Municipio Vermelho».

A maioria socialista da vereação apresentou o seu programa aos eleitores, o qual continha uma série de planos e de promessas muito importantes. Mais trinta mil casas devem ser construídas nos próximos cinco anos, a acrescentar às trinta e cinco mil, já quase completas, o que elevaria a sessenta e cinco mil o total de casas do projecto municipal.

O desemprego será combatido por meio de grandes obras municipais custeadas por um empréstimo destinado a tal fim, incluindo, entre outras, uma considerável extensão dos omnibus da [municipalidade] e serviço de trânsitos. Os empregados devem ter passagens grátis, para irem e virem as reparações, onde recebem os seus pagamentos. Além disso a municipalidade está arranjando uma garantia para o comércio com a Rússia.

Este programa causou raiva aos inimigos da municipalidade e deu um novo estímulo aos esforços por unir todos os partidos anti-socialistas no que se chama «a frente única contra o marxismo». — Especial.

INFORMAÇÃO TELEGRÁFICA

O nacionalismo na Alemanha

As manifestações dos «Capacetes de Aço»

BERLIM, 9.—As demonstrações levadas a efeito pelos «Capacetes de Aço» decorreram sem incidentes de maior, devido às medidas adoptadas pela polícia. O total das prisões efectuadas é de 450 pessoas, na sua maioria por motivos fúteis. Na estação do caminho de ferro do norte deram-se alguns tumultos na ocasião em que um numeroso grupo de «Capacetes de Aço» tomava o combóio. — (L.)

A atitude do governo

BERLIM, 9.—Stressmann, falando numa reunião do partido Volks, declarou que resignaria se se modificasse a política estrangeira adoptada no ano passado e continuada pelo presente governo, que pôe de parte qualquer ideia de «revanche». Disse mais que o espírito militarista manifestado pelos «Capacetes de Aço» cessaria, desde que as potências seguíssem a Alemanha no sentido do desarmamento. — (L.)

DRESDEN, 9.—O sr. Stressmann, ao inaugurar ontem o congresso económico na Baixa Saxónia, desmentiu qualquer discordância no seio do gabinete e afirmou a política de revindica e de procurar estreitar, cada vez mais, as relações com a França e a Polónia, intensificando, ao mesmo tempo, a produção nacional e favorecendo a exportação. O sr. Stressmann terminou o seu discurso no congresso económico, afirmando que, ao menor desvio do governo na orientação política externa agora seguida, deixará a pasta dos estrangeiros. — (L.)

«Ordeiras» festas a Joana d'Arc

PARIS, 9.—As festas de Joana d'Arc foram celebradas ontem em todo o país, tendo apenas em Lille, os realistas dado fogo no salão onde o «leader» pacifista Marc Sangnier estava discursando. Depois de graves recontros com a polícia foram efectuadas 13 prisões depois do que a reunião continuou. — (L.)

O trono de Espanha

LONDRES, 9.—A embaixada espanhola nesta cidade desmente as alterações na sucessão do trono de Espanha. — (L.)

Sorrisos satânicos

LYON, 9.—Num almoço realizado antes de confraternização franco-servia realizada ontem em Lyon, os srs. Hermot e Spalatitch, celebraram nos seus brindes a união dos dois países dentro do mesmo ideal de civilização e paz. — (L.)

Uma grande questão de dinheiro

CONSTITINOPOLIS, 9.—Está despertado de grande interesse a decisão do tribunal arbitral, acerca do pedido de indemnização de três milhões de libras, feito por Abbas Hilmi pachá, ex-rei do Egito, pelas propriedades a ele arrestadas quando foi deposto em 1914. São defensores do governo

Enquanto o homem não tiver força moral para se libertar dos seus vícios não é verdadeiramente livre.



A Sociedade Estoril e o seu pessoal

O que se está passando na Sociedade Estoril com o seu pessoal, é de tal gravidade, que chegamos a convencer-nos de que vivemos em eras muito remotas. E para darmos uma pálida ideia aos nossos leitores que lá se pratica, basta citar-mos o seguinte:

O pessoal revisor, só consegue um descanço de 24 horas, de 23 em 23 dias! Vejam a monstruosidade! Quando cometem pequenas faltas, devido muitas vezes ao cansaço permanente de que andam possuídos, é bastante para serem punidos, chegando até a cortarem-lhe um dia de ordenado.

Como o movimento de passageiros é cada vez maior, sucede algumas vezes, o revisor, ou por esquecimento, ou devido ao muito trabalho de revisão, não fechar as cancelas das plataformas, sendo por esse motivo multados em 1 escudo.

Concordamos que as cancelas se conservem fechadas, para evitar desastres, mas tudo se resolvia, desde que a Companhia escasseasse para esse serviço outro empregado, e nunca o revisor, que tem durante a viagem outras preocupações, resultantes do seu espinhoso lugar.

Está mais que provado que a Companhia tem grande falta de pessoal de todas as categorias, não se compreendendo qual o motivo porque não admite mais empregados, quando eles são tão precisos. Conseguiu esta Sociedade introduzir nas suas linhas, o maior melhoramento, que é a electrificação. Competia-lhe, pois, olhar com mais humanidade para a situação dos seus empregados, que sabemos, são dumha dedicação absoluta. Como se comprehende, que os empregados não tenham um dia de folga por semana?

Também nos informam que o sr. Fausto de Figueiredo não tem conhecimento que os seus empregados trabalham 23 dias seguidos, com um horário de 12 a 15 horas por dia. E de esperar que este Director, que tão boas iniciativas tem tido, ao ter conhecimento destes casos, providencie de forma a que os seus colaboradores tenham uma situação mais humana.

Solidariedade

Foi entregue ao comité da Federação de Solidariedade a Presos e Perseguidos por Questões Sociais a importância de 15\$00, produto dum colecto levado na festa de homenagem ao ensaiador José de Almeida,

Inglês, Sir Maurice Amos, e de Hilma Pachá dois advogados parisienses. — (L.)

A conquista do Atlântico

As tentativas da aviação

SAINT JOHNS, 9. (Terra Nova) — Até às 3 e 30 de hoje, não houve notícias dos aviadores franceses Ningesser, no seu vôo Paris-Nova York. As condições atmosféricas, que até agora têm sido ruins começam melhorando.

Comentários da imprensa

LONDRES, 9.—A imprensa inglesa, comentando as manifestações de Berlim, acentua que elas não afectam as relações com o estrangeiro. O jornal Westminster Gazette declara que a conduta pouco recomendável dos poderes alemães é o que, naturalmente, tem contribuído para conservar vivo o espírito militarista. — (L.)

A vida burguesa

A nova capital da Austrália

CAMBERRA, 9.—Na inauguração da nova capital e do parlamento nesta cidade, o duque de York discursou largamente, dizendo que foi devido ao desenvolvimento da Austrália que se mudou de capital e que Camberra era naturalmente a cidade indicada para tal fim, visto que é situada num ponto magnífico e oferece vantagens para vir a ser uma grande cidade.

Segundo a constituição, o governo será colocado dentro do Estado da Nova Gales do Sul, a uma distância nunca inferior a 100 milhas de Sydney.

A cerimónia coincidiu com o aniversário da abertura pelo rei Jorge do primeiro parlamento dos dominios, em 1901.

Findou o seu discurso dizendo que é significativa a inauguração após a última conferência do Império e preconizou a maior união, a fim de continuar o prestígio do Império.

O duque de York fez hoje a inauguração desta cidade como capital, inaugurou igualmente o edifício do Parlamento, que abriu com a chave de ouro, e descerrou o monumento do rei.

Um aeroplano que tomou parte na parada que o duque de York passou revista despediu-se, tendo o seu piloto dado entrada no hospital. — (L.)

PARIS, 9.—Os aviadores Nougé e Coli compareceram hoje no seu hidro-avião para Nova York às 5 horas e 21 minutos. — (L.)

LCNDRES, 9.—Não se confirma a notícia, dada de Nova York, em que se dizia que o aviador Ningesser, que ontem levantou do aeroporto de Bourget para aquela cidade, tinha sido forçado a descer no mar alto. — (L.)

Um aviador desaparecido

LONDRES, 9.—Nada mais se soube ainda acerca do aviador Saint Roman. — (L.)

Pequenas notícias

ROMA, 9.—Presidiu o ministro da instrução e das Obras Públicas, foi ontem inaugurado, na Universidade de Roma, o curso de cultura para estrangeiros. — (L.)

BOMBAIM, 9.—Continuam as desordens por motivos religiosos. Num desses desordens, em Labore, houve 17 mortos, 19 feridos e foram presos 200 dos amotinados. — (L.)

NOVA YORK, 9.—Morreram 7 pessoas em consequência da explosão ocorrida no edifício dos correios. — (L.)

PARIS, 9.—A França recebeu em Abril último 87.780.203 marcos-ouro das reparações, segundo o plano Dawes. — (L.)

POR TERRAS DO MONDEGO

Um pouco do muito que há para dizer da exploração patronal nos hoteis de Coimbra

A tremenda exploração que o capitalismo exerce em Coimbra sobre o operariado, tanto também sujeitos os empregados dos hoteis, cafés e restaurantes.

Para estes, a actividade profissional tem uma característica um pouco diversa da dos outros proletários, pois que ela se exerce em condições mais vexatórias, despidas de absoluto de quaisquer regalias e proibidas.

Na totalidade dos estabelecimentos das especialidades referidas, o horário de trabalho não tem estabilidade, não observa as regras impostas pela lei e varia de doze a quinze horas diárias. No horário de trabalho e descanso semanal é mesmo onde se evidencia mais a inaudita ganância dos proprietários, que decorrem cheias de privações e cumuladas de ultrajes às suas dignidades.

Avassalados pelo ignobil sistema da gorjeta, os criados de cafés, hoteis e restaurantes estão colocados sob a dependência vergonhosa em que os colocam o espírito ladração do patronato, que os condensa a esperarem da generosidade dos fregueses para satisfazer as suas necessidades, é que é desenvolvida, a sua actividade social, toda a sua vontade, e que se liga, se junta, se associa aos seus semelhantes, se torna social e sociável. A desproporção que existe entre as necessidades humanas e as forças, para além de que é mesmo ser humano pode dispensar para fazer desparecer o mal-estar que se produz no organismo biológico para satisfação dessas necessidades, é que constitui a base, o fundamento da sociedade.

As necessidades humanas são ilimitadas aumentando intensivamente e exclusivamente, a todo o momento, e ao ser humano isolado, não dão satisfação completa no tempo no espaço, à margem de capacidades. E essa ilimitação, esse aumento constante conjugado com essa impossibilidade individual de satisfazer por si só, que constituem o factor mais poderoso do progresso social, a primeira lei sociológica.

O ser humano, como é ser inteligente e perfeccionável, insaciável. Satisfaz uma necessidade, nasce-lhe, cria-se-lhe imediatamente uma nova necessidade mais superior, mais elevada, mais requintada e igualmente mais complexa.

Para satisfação dessas novas exigências do ser, é ele criado novas relações sociais e procura fazer novas adaptações cada vez mais específicas, mais sutis, mais complicadas.

Poderemos classificar as necessidades humanas em biológicas ou meramente animais, estéticas-mentais, e ético-sociais. Mas, para que é satisfaz qualquer delas, é obrigado a unir-se, a agrregar-se a outros seres.

Para satisfazer uma necessidade, realizar um fim, conquistar um ideal, o humano carece de ligar-se, de associar-se a outro ou outros seres que sintam as mesmas necessidades, o mesmo imperativo a determinadas as suas.

Podemos classificar as necessidades humanas em biológicas ou meramente animais, estéticas-mentais, e ético-sociais. Mas, para que é satisfaz qualquer delas, é obrigado a unir-se, a agrregar-se a outros seres.

Para satisfazer uma necessidade, realizar um fim, conquistar um ideal, o humano carece de ligar-se, de associar-se a outro ou outros seres que sintam as mesmas necessidades, o mesmo imperativo a determinadas as suas.

Por natureza, pois, o ser humano é essencialmente social e sociável: não pode realizar a sua boa-vontade e constância.

Contudo, os criados dos cafés de Coimbra, à custa dos seus perfeitos e inteligentes esforços, conseguiram já impor-se e reivindicaram para si o descanso semanal, que ainda a sua resistência faz respeitar.

Esta regalia que disruptiva hoje foi um dos bons frutos que a sua organização sindical lhes trouxe logo de início, e mais poderiam eles ter se para ela sempre tivessem olhado com carinho e lhe emprestado, sem, através das mais cruas emergências, toda a sua boa-vontade e constância.

O desleixo censurável em que ultimamente se têm posto, a ponto de quase em absoluto votarem ao abandono a sua Associação de Classe, tem-lhes tornado impossível que sejam encarados como os seus possíveis empregados, que, por sua vez, estão encarados como os seus empregados.

Mas, no que respeita a exploração, não é sómente isto o que acontece aos que moram, servindo, uns e outros, muitas vezes sem ter com que prover as precisões dos seus.

Nos hoteis, a exploração do homem pelo homem tem uma consagração mais torpe, mais rechedeada de tortura.

Ali, atinge ela a sua expressão máxima, tornando-a a acção patronal comparada à da sanguesga que chupa, chupa sem cessar.

Os hoteleiros olham para os seus servidores como para perfeitos escravos, sobre quem têm o direito de disporem à vontade, e que nem a mínima consideração lhes merecem.

Obrigando os seus empregados a trabalhar uma infinidade de horas, fazem-nos ainda observar um sem número de práticas que tornam as suas ocupações muito mais humilhantes, e que revoltam a criatura de mais rudimentar consciência.

Os hoteleiros olham para os seus servidores como para perfeitos escravos, sobre quem têm o direito de disporem à vontade, e que nem a mínima consideração lhes merecem.

Em qualquer deles — excepto a exceção de um — o direito de descanso semanal é o mínimo de horas diárias de trabalho é de doze em quasi todos.

No hotel «Mondego» por exemplo, o total de horas consecutivas chega a ser de trinta e nove feitas dia sim, dia não, por cada um dos criados.

Esta casa, que parece sobressair das suas congêneres no que se refere à exploração dos seus criados, vai muito além do que acabamos de referir.

Como nos hoteis há sempre necessidade de que um portero vele de noite para atender hóspedes que venham a descer, os proprietários do «Mondego», assim como outros, acharam ideia engenhosa de poupar pessoal e fazer as coisas com muita economia, que redundou em prejuízo dos criados. Desta forma, está determinado que essa vigília se faça por todos os empregados, alternadamente, tendo, cada um deles, quando lhe cabe vez de ficar a esperar os des des de vir, que permanecer no hotel 39 horas consecutivas.

E' claro que quando ficam também de noite lhes é permitido passarem deitados o tempo em que ninguém os procura, mas as comodidades que lhes são oferecidas para repousarem, fazem-nos vibrar de indignação. Um simples canapé, cujo assento nem estofado é, que as carnes e os ossos torturados por lá se encostam, constitui a cama de quem tem que passar a velar dia sim, dia não.

Estas infâmias tódas têm muitas outras a acompanhar-las e que tornam a ocupação do criado de hoteis, cafés e restaurantes um verdadeiro martírio.

E é de supor que os hoteleiros recrudesçam na sua fúria de escravizar os seus empregados se estes se